

## A conceitualização da violência por esquizofrênicos em surto

Letícia Adriana Pires Teixeira\*  
Kaline Girão Jamison\*\*

### Resumo

*Pesquisamos a categoria violência, verificando a escala de prototipicidade a partir de exemplares apontados por informantes em surto esquizofrênico. Quisemos constatar se havia diferenças significativas entre as escalas de prototipicidade propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria. Adotamos, como referencial teórico, os postulados de Rosch, Gray e Boyes-Braem (1976a), Lakoff (1987), Eysenck e Keane (1994), Medin e Ross (1996), Jacob e Shaw (1998) entre outros. Constatamos que os doentes de esquizofrenia mantiveram a capacidade de categorizar a violência de forma similar ao período de remissão da doença. O sinônimo mais citado para violência foi "prisão". Em harmonia com tal preferência, disseram que a maior violência era estar preso.*

### Palavras-chave

*Violência; conceitualização; esquizofrenia; protótipos*

### Abstract

*We researched the violence category by checking the scale of prototypicality a survey of samples mentioned by informants in schizophrenic episode. Our goal was to see whether there were significant differences between the prototypicality scales proposed by these informants, and whether the differences, implied recognizing distinctions between the best and worst examples of this category. As a theoretical framework, we adopted the postulates of Rosch, Gray and Boyes-Braem (1976a), Lakoff (1987), Eysenck and Keane (1994), Medin and Ross (1996), Jacob Shaw (1998), among others. We found that patients with schizophrenia maintained the ability to categorize violence similarly to the period of remission. The most cited synonym for violence was "prison". In harmony with this preference, they said that most violence was to be imprisoned.*

### Keywords

*Violence; conceptualization; schizophrenia; prototypes*

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Faculdade Estácio de Sá.

\*\* Aluna de Doutorado no Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Ceará.

## **1. Introdução**

Há ainda um estigma muito grande em relação às doenças mentais. As pessoas acham que os portadores dessas doenças não falam “coisa com coisa” e, assim, seus dizeres não são valorizados, escutados. Os doentes mentais, quase sempre, são excluídos da sociedade e, em muitos casos, de suas famílias, assim que elas descobrem neles os primeiros sintomas dessa enfermidade.

Estudar a linguagem de pessoas que apresentam transtornos mentais graves é uma das formas de compreender as especificidades desse fenômeno. Analisar a fala dessas pessoas é adentrar em um mundo complexo, cheio de contestações, principalmente quando sabemos dos estigmas socioculturais que desvalorizam qualquer tipo de atitude relativa aos portadores de transtornos mentais.

Pensando nisso, resolvemos analisar a fala dessas pessoas, verificando a categoria violência (um dos temas presentes em nossa contemporaneidade), verificando a escala de prototipicidade a partir de exemplares apontados por informantes em surto esquizofrênico com curso e evolução diferenciados da doença.

Baseados nos estudos do Projeto Interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros, vinculado aos grupos de pesquisa sobre Cognição e Linguística (COLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao grupo de Cognição e Metáfora (COMETA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob os fundamentos teóricos e aplicados da linguística cognitiva (GIBBS, 2006; LAKOFF, 1987, 1996; LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) e de teorias provenientes de outras áreas, tais como a Neurociência Cognitiva, a Pragmática, a Análise do Discurso e a Psiquiatria (LOUZÃ NETO, 1995, 1999; MAHER, 1972; NOVAES, 1996; VOLKER et al., 2001), entre outros estudos, o nosso propósito era constatar se havia diferenças significativas entre as escalas de prototipicidade propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria.

## **2. Violência: como melhor conceituá-la?**

A violência pode ser considerada um dos conceitos mais evasivos e difíceis de serem definidos dentro da área das ciências sociais. Apesar de o assunto ser tema constante em artigos acadêmicos, livros e teses, ainda há interpretações controversas sobre uma definição mais apropriada do conceito, diferenciação significativa entre os

conceitos existentes e sobre a análise sociopolítica e moral da violência. Segundo Imbusch (2003), “violência é, claramente, um fenômeno de extrema complexidade, envolvendo grande ambiguidade entre a destruição e a criação da ordem”. Nessa perspectiva, o conceito revela-se difuso, variando desde agressão física e psicológica, formas específicas de crime, comportamento inadequado nas ruas ou nos esportes à discriminação sociopolítica. Esse fenômeno social, chamado de violência, pode também se relacionar a questões antagônicas como: atrocidade ou necessidade; resultado de um aprendizado pervertido ou precisão do instinto normal; comportamento patológico ou comportamento voluntário e consequente etc. Contudo, podemos observar que o uso preciso do conceito de violência é dificultado pelas diversas conotações que se sobrepõem dentro de um campo semântico semelhante (força, agressão, conflito, poder etc.).

Ante o exposto, observa-se que a partir da dificuldade em definir esse conceito contingente, onipresente e perturbador e intrigados por sua inerente complexidade, vários estudiosos buscaram estudar as relações de diversos aspectos e concepções de violência. Dentre eles, Bufacchi (2005), que explorou questões teóricas acerca da natureza e escopo da violência sob uma perspectiva filosófica, identificou duas concepções: a minimalista, de definição mais restrita e relacionada ao uso da força; e a compreensiva, a qual concebe a violência mais amplamente, representando uma violação de direitos. Inicialmente, em oposição a alguns estudiosos, tais como, Ted Honderich (2002), Manfred Steger (2003), Riga (1969) e Wade (1971) (apud BUFACCHI, 2005), o autor defende que “violência”, não representa, necessariamente, um ato de violação, assim como “força física” nem sempre significa um ato violento. Nesse sentido, Bufacchi (2005) relaciona o conceito de “força” ao de “violência”, assim como o de “violência” ao de “violação”. Por fim, Bufacchi (2005) também chama a atenção para a complexidade de conceitualizar “violência” e sugere duas concepções: violência enquanto força e violência enquanto violação.

Interessante notar que a violência é um fenômeno contingente e que ocorre em qualquer lugar, independente da cultura. No entanto, notam-se diferenças consideráveis entre o uso da palavra, variando o tipo de violência, grau de intensidade, de qualidade e as funções distintas do uso da palavra. Percebe-se que por ser considerado um fenômeno social multifacetado, a palavra violência possibilita a formação de diversos conceitos com inúmeras interpretações.

Após pesquisarmos em alguns dicionários, *thesaurus* e enciclopédias, constatamos que as definições fornecidas diferenciam-se entre si, apresentando acepções que variam desde “o uso de força física” a “instinto de sobrevivência”. De todo modo, as demarcações denotam que o conceito usado pode variar de acordo com cada ciência, perspectiva e experiência no mundo e com o mundo.

### **3. Conceitualização e a teoria dos protótipos**

Segundo a Linguística Cognitiva, as unidades e as estruturas da linguagem não são estudadas como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, as quais, de acordo com essa ciência, interagem com a linguagem, influenciando-a e sendo influenciada por ela (DIVER; VERSPOOR, 2004). Dessa forma, nosso trabalho, cujo objetivo é pesquisar sobre a conceitualização de violência por esquizofrênicos em surto, está inserido nos tópicos de interesse da Linguística Cognitiva. Situamo-nos, assim, em favor da cognição corporificada (ou visão atuacionista), da qual emerge o ser situado e cogniscente, que age e interage no mundo de percepções e ações, das quais emergem os significados. Desse modo, a Linguística Cognitiva possibilita o acesso a processos cognitivos, através de manifestações linguísticas.

Ainda nos referindo à Linguística Cognitiva, vale ressaltar que a categorização consiste no alicerce dos nossos pensamentos, ou seja, quando produzimos ou compreendemos um enunciado, empregamos a categorização. Portanto, ao entendermos como categorizamos, nos aproximamos da compreensão acerca de como pensamos e atuamos no mundo.

Segundo Lakoff (1987), na visão de categorias conceituais: o pensamento é corporificado e baseado na percepção, no movimento corpóreo e na experiência física e social; o pensamento é imaginativo e utiliza-se de metáforas, metonímia e imagem mental, posto que é indiretamente corporificado e transcende à representação literal das coisas; o pensamento tem propriedades gestálticas e os conceitos adquirem uma estrutura mais geral; o pensamento tem uma estrutura ecológica e é mais do que, simplesmente, uma manipulação mecânica de símbolos abstratos; a estrutura conceitual pode ser descrita através de modelos cognitivos, que apresentam todas essas propriedades.

Diante disso, nossa capacidade humana de conceitualização, conforme nos aponta Lakoff (1987, p. 281), consiste em algumas habilidades, dentre elas: a) formarmos estruturas simbólicas relacionadas às experiências diárias; b) projetarmos metaforicamente a partir de estruturas do domínio físico ao abstrato; c) formarmos conceitos complexos e categorias gerais utilizando esquema de imagens; d) formularmos modelos cognitivos idealizados (MCIs).

Dentro dessa perspectiva, propomo-nos realizar uma análise, utilizando os modelos cognitivos idealizados de projeções metonímicas, os quais são representados estruturalmente pelo esquema RECIPIENTE e pela forma de caracterizar o todo pela parte, como forma de tornar algo mais fácil de ser assimilado. Segundo o *Glossary of Cognitive Linguistics* (EVANS, 2007 p. 141) exemplifica, os MCIs metonímicos surgem para representar toda uma categoria da qual ele é membro. Esses modelos podem estabelecer efeitos de tipicidade, ao representar toda uma categoria, servindo como “ponto de referência cognitivo”, gerando normas e criando expectativas.

Nesse sentido, os modelos cognitivos metonímicos poderão nos ajudar a compreender quais são os conceitos mais salientes que esquizofrênicos em surto usam sobre violência; como esses conceitos são construídos a partir de interações sociais – da dinâmica social e cultural; como as pessoas estão organizadas socialmente; quais são os estereótipos, os exemplos ideais, os exemplos típicos mais frequentes presentes no imaginário sociocultural de pacientes com esquizofrenia quando tratam de temas sobre a violência.

#### **4. Análise e discussão dos dados**

Iniciamos a nossa pesquisa com o seguinte questionamento: “como será que as pessoas com esquizofrenia conceitualizam e categorizam a violência em diferentes períodos e evolução da doença?” Nossa intenção, ao tentar responder essa pergunta, era, perguntarmos aos doentes em surto da doença: “quando vocês pensam em violência, o que vem a sua mente em primeiro lugar?”.

Fizemos, então, uma pergunta, como uma espécie de teste inicial, a uma única paciente que chegou ao nosso encontro antes das demais e sentou ao nosso lado: “quando você pensa em violência, o que vem a sua mente em primeiro lugar?”. Sem demorar a responder, **L.S.** disse que “primeiro vem (+) vem esses negros que vivem perseguindo a gente (+) aqui no hospital (+) né?”. A iniciativa dela causou-nos surpresa.

A resposta, à primeira vista, se nos apresentava como vaga à pergunta feita. Parecia apenas uma ligação estrutural com o vocábulo “vem”. “Vem esses negros?” “Que negros?”, questionamos, como se não estivéssemos entendendo o pronunciamento dela. **L.S.** ratificou a resposta que havia dado, dizendo: “sim (++) esses negros que tem no mundo (++) que aqui no hospital está cheio (++)” e, logo em seguida, fez um “psiu”, colocando o dedo sobre sua boca, para eu parar de falar e não mencionar nada, indicando com o dedo polegar uma paciente negra que, juntamente com uma enfermeira, se dirigia ao nosso encontro.

Decidimos aplicar uma espécie de questionário semiestruturado para realizarmos uma análise mais proficiente. O estudo foi importante para verificarmos como é que pessoas com esquizofrenia categorizam enunciados linguísticos. Através da análise da categoria VIOLÊNCIA, verificando a escala de prototipicidade (protótipo é o melhor exemplar de uma categoria) a partir de exemplares apontados por oito informantes em surto esquizofrênico com curso e evolução diferenciados da doença (quatro em estado crônico e quatro em estado moderado), quisemos constatar se havia diferenças significativas entre as escalas de prototipicidade propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria. Os testes acabaram servindo de subsídio para refletirmos sobre a cognição desses pacientes.

Resolvemos, assim, aplicar uma enquête em que as pessoas internadas em cursos leves e moderadas da esquizofrenia deveriam responder sobre qual a concepção delas sobre violência e depois, em uma escala de prototipicidade, citar dez sinônimos para violência. O resultado obtido se apresenta no quadro que segue:

**QUADRO 1 – Categorização da Violência**

<b>Informante/ Curso da Doença</b>	<b>Conceitualização</b>
1. M.L.A.N./ ( <b>crônico</b> )	É agressão que pode ser contato violência ou forçar a barra.
2. M.S.E / ( <b>crônico</b> )	Pessoas que gostão de bate nas pessoas
3. T.S.A/ ( <b>crônico</b> )	É tudo que não é respeito.
4. A.S.S/ ( <b>crônico</b> )	Agressiva
5. M.S. B.S. / ( <b>crônico</b> )	É pai matando filho. Assassinato. Fome. Destruir um lar.
6. F.M.B.Q. / ( <b>moderado</b> )	É valentia.
7. M.J.M.C. / ( <b>moderado</b> )	É, um ato brusco, sem causar danos tragicos.
8. C.M.M.A. / ( <b>moderado</b> )	Violência é a falta de amor ao proximo.

9. S.I.N. / (moderado)	É um ato impessoal, e ao mesmo tempo injusto.
10. M.J.M. / (moderado)	É quando a pessoa agride a outra.

*Fonte:* Quadro elaborado pelas autoras

É válido informarmos que respeitamos a escrita de cada paciente em seus enunciados – **não fizemos ajustes de acordo com as convenções ortográficas da Língua Portuguesa**. Com essas concepções, percebemos no quadro 1 que não houve mudanças significativas em relação à conceitualização de violência, relacionadas ao curso da doença, moderado ou crônico. Todas as respostas se apresentaram como relevantes e coerentes a situações contextuais que eles vivenciam.

Para complementarmos, as nossas investigações, solicitam que cada um, separadamente, sem consultar o material do colega, em uma escala de importância escrevesse dez sinônimos para violência. Vejamos os resultados obtidos no quadro 2:

**QUADRO 2 – Sinônimos para violência**

Informante	Sinônimos
1. M.L.A.N./ ( crônico)	1. Perceção 2. Tapas 3. Brigas 4. Xingar 5. Falcidade 6. Estupro 7. Morte por aparência 8. Prisão
2. M.S.E / (crônico)	1. Palavras 2. Bateamento de bocas 3. Violação 4. 5. Matar 6. Roda de facada 7.
3. T.S.A/ (crônico)	1. Espancamento 2. Palavras agressivas 3. Falta de amor ao ser humano 4. Falsidade 5. Entre um casal, traição 6. Excesso de bebidas 7. Drogas 8. Brigar com palavrados 9. Bater com pancadas 10. Insultância em relacionamentos
4. A.S.S/ (crônico)	1. Tara 2. Agressão 3. Morte
5. M.S. B.S. / (crônico)	1. Matar 2. Roubar 3. Destruir 4. Agredir 5. Mentir

6. F.M.B.Q. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Briga</li> <li>2. Esturpus</li> <li>3. Roubo</li> <li>4. Falcidade</li> <li>5. Entriga</li> <li>6. Pressão</li> </ol>
7. M.J.M.C. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Falcidade</li> <li>2. Intrigas</li> <li>3. Transtornos</li> <li>4. Infelicidade</li> </ol>
8. C.M.M.A. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estruto</li> <li>2. Brigas</li> <li>3. Pais de maltrata os filhos</li> <li>4. Pancadaria</li> <li>5. Judiar de crianças e idosos</li> </ol>
9. S.I.N. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Traição</li> <li>2. Depende dos ques achar?</li> </ol>
10. M.J.M. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quando homem bate em mulher</li> <li>2. Maltratar cachorro</li> <li>3. Quando a mãe bate na criança</li> <li>4. Quando um adolescente ofende um idosso</li> <li>5. Estrupo infantil</li> <li>6. Quando engana uma criança</li> <li>7. Quando uma filha abandonada a mãe</li> <li>8. Torturas</li> <li>9. Espancamento</li> <li>10. Violência policial</li> </ol>

*Fonte:* Quadro elaborado pelas autoras

Constatamos mais uma vez, através dos dados do quadro 2, que não houve mudanças significativas em relação ao curso da doença e a conceitualização de violência. Todos os informantes foram coerentes e relevantes em suas respostas. Mesmo usando neologismos (criação de novas palavras), tais como “insultencia”, e cinco deles estando em estado crônico da doença, eles não foram contraditórios ao responderem os questionamentos feitos. A presença de neologismos poderá ser entendida como uma extensão das associações semânticas (PIRO, 1967, apud VOLKER, 2001, p. 55).

Os vocábulos “tapas”, “palavras agressivas”, “mentir”, “falsidade”, “estupro”, “espancamento”, “destruir” e “agressão” foram os mais usados como sinônimos de violência. Chegamos assim à conclusão que se a teoria de alguns pesquisadores em esquizofrenia estiver correta e existir sempre comprometimento cognitivo em indivíduos com essa doença, seria difícil confirmar esse posicionamento através dos resultados obtidos nessa nossa pesquisa.

## 5. Considerações finais

A pesquisa acabou mostrando questões relativas à construção de efeitos de sentido produzidos pela categorização da violência e confirmando que os valores culturais não são independentes. O contexto sociocultural faz parte na construção dos



sentidos e na categorização de um termo até mesmo em pessoas com transtornos mentais.

Constatamos, como resultado da pesquisa, que os doentes de esquizofrenia, independentemente do curso e da evolução da doença, mantiveram a capacidade de categorizar violência de forma similar ao período de remissão da doença, evidenciando o uso de inferência e de raciocínio lógico (dedutivo e indutivo), ao eleger uma subcategoria ou submodelo representativo da categoria.

Notamos que eles também têm a percepção de que a violência é um fenômeno contingente, e que ocorre em qualquer lugar, independentemente da cultura. No entanto, notamos diferenças, variando o tipo de violência, grau de intensidade, de qualidade e as funções distintas do uso da palavra. Percebemos que, por ser considerada um fenômeno social multifacetado, a palavra violência possibilita a formação de diversos conceitos, ligados a história de vida de cada indivíduo, com inúmeras interpretações, inclusive, entre as pessoas portadoras de esquizofrenia.

### Referências

ADAMES, S. B.; CAMPBELL, R. *Immigrant Latinas' conceptualizations of intimate partner violence in violence against women*, v. 11, n. 10, p. 1341-1364, 2005. Disponível em: <<http://vaw.sagepub.com/cgi/content/abstract/11/10/1341>>. Acesso em: 4 nov. 2009.

ALMEIDA, S. M. Reflexões sobre violência doméstica: algumas contribuições para (re) pensar a violência contra crianças, adolescentes e mulheres (p.177-183). **História Unisinos**, 2005. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_historia/vol9n3/art\\_3\\_sonia.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol9n3/art_3_sonia.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2009.

BONETTI, A. et al. Violência contra as mulheres e direitos humanos no Brasil: uma abordagem a partir do Ligue 180. **Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder**, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_1008.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1008.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2009.

BUFACCHI, V. Two concepts of violence. **Political Studies Review**, v. 3, p.193-204, 2005.

CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.) **The handbook of Cognitive Linguistics**, Oxford University Press: Nova York, 2007.

DIRVEN, R. e VESPOOR, M. H. (Ed.) **Cognitive exploration of language and linguistics**. Amsterdam e Philadelphia. John Benjamins, 2004.

- EVANS, V. **A glossary of cognitive linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FELTES, H. P. de M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GEERAERTS, Dirk. **Cognitive linguistics: basic readings/Cognitive linguistics research**; 34. Walter de Gruyter GmbH & Co. Berlin, 2006.
- GEERAERTS, D.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J. **Body, language and mind**. Volume 1: Embodiment. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- GIBBS, R. **Embodiment and cognitive science**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- GIBBS, R. (Ed.) **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008.
- IMBUSCH, P. The concept of violence. In: HEIMEYER, W.; HAGAN, J. (Ed.) **International handbook of violence**. Kluwer Academic Publishers: Netherlands, 2003. p.13-39.
- JOHNSON, M.; ROHRER, T. We are live creatures: embodiment, American pragmatism and the cognitive organism. In: HOWELL, S. R. **Metaphor, cognitive models, and language comprehensive**, Module 3 Special Topics 2A. McMaster University, 2000.
- JOHNSON, Mark; ROHRER, Tim. We are live creatures: embodiment, American pragmatism and the cognitive organism. ZIEMKE, T.; ZLATEV, J.; FRANK, R. M. (Ed.) **Body, language and mind**, Volume 1: Embodiment. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 17-54.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. The University of Chicago Press: Chicago e Londres, 1987.
- LAKOFF, G. **Moral politics: what conservatives know that liberals don't**. University of Chicago Press: Chicago e Londres, 1996.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LINDBLOM, J.; ZIEMKE, T. Embodiment and social interaction: a cognitive science perspective In: ZIEMKE, T.; ZLATEV, J.; FRANK, R. M. (Ed.). **Body, language and mind: embodiment**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 129-166. v.1.
- LOUZÃ NETO, M. R. **Esquizofrenia: dois enfoques complementares**. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.
- LOUZÃ NETO, M. R. **Convivendo com a Esquizofrenia: um guia para pacientes e familiares**. São Paulo: Lemos Editorial, 1995.

MACEDO, A. C. P. **Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil**. 34. Projeto de Pesquisa Científica - Universidade Federal do Ceará - CNPq (Edital nº. 02/2009), Fortaleza, 2009.

MAHER, B. **The language of schizophrenia: A review and interpretation**. **British Journal of Psychiatry**, [s.l.], v.120, p.3-17, março, 1972.

NOVAES, M. **Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundo**. São Paulo: Escuta, 1996.

ODALIA, N. **O que é violência**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ODALIA, N. **Gênero, patriarcado, violência**. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2007.

SILVA, A. S. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, A. S; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.) **Linguagem, cultura e cognição: estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, 2004. p.1-18. vol. I.

VOLKER, R. et al. **Terapia integrada da esquizofrenia**. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.